



# O COMÉRCIO

## DA PÓVOA DE VARZIM

AVENÇA

Director, Editor e Proprietário  
MANUEL AGONIA FRASCO

JORNAL REPUBLICANO E DEFENSOR DOS INTERESSES LOCAIS

Redacção e administração  
Officinas do «Comércio»

### CARTAS DO EXÍLIO

Tenho em mãos uma tocante e expressiva missiva da «Beneficente», datada de Julho findo, cujos dizeres foram alvo da minha mais atenta consideração e apreço.

Essa missiva que muito me sensibilizou, trouxe-me os agradecimentos da sua benevolência e mérito a direcção pelo que aqui estamos fazendo em prol dos pobres da nossa saudosíssima Póvoa, cumprindo-me, entretanto, anteopar a esses agradecimentos, por mim e pelos meus companheiros de Maceió, a minha formal recusa em aceitá-los, isto pela simplíssima razão de que estando como estamos cumprindo um dever social, cristão e baírrista, no mais alto estilo, imerecido considero tudo quanto possa trazer reconhecimento em nossa do pouco que aqui estamos praticando de alma em festa e coração aberto.

Não, meus amigos da «Beneficente»! Nem o seu illustre Presidente, nem os seus dedicados companheiros de Directoria têm nada porque agradecer!

Feliz serei se puder voltar um dia a essa Póvoa que tão profundamente amo, para de perto admirar essa obra magnífica que a «Beneficente» vem realizando com tamanha abnegação e que tanto engrandece a Póvoa altruista e todos aqueles que a serviço de toda humanitária obra vêm dando toda a seiva de seus generosos corações.

E, se algo me fosse permitido pedir para que este meu desejo viesse a tornar-se uma próxima realidade, — eis aqui o meu pedido:

Que na hora da refeiçào do meio dia, pudessem os pobresinhos da «Beneficente», uma vez em cada mês, rogar a Deus pela saúde de todos os poveiros do Brasil e Africa também pela deste seu filho adoptivo, triste exilado, cujo maior anseio é poder rever um dia a terra-mãe pela última vez!

Nessa apreciada missiva, cuja leitura foi para meu coração um doce lenitivo, pude ler, com natural avidez, uma notícia que muito me alegrou, ou seja: que os meus queridos irmãos da Casa dos Poveiros do Rio de Janeiro e também os da Casa dos Poveiros da Proíncia de Moçambique, haviam escutado a minha voz, tendo já solicitado à Beneficente determinados elementos que lhes servisse de orientação em seus trabalhos pró Patrioção dos Pobres!

Mas pelo amor de Deus! Em assuntos de caridade a orientação quem no-la dá é o próprio coração!

E' ele quem nos inspira, quem nos ilumina, quem nos traça o roteiro da nossa acção!

Em Maceió assim fizemos! Agimos espontaneamente e desle logo traçamos o caminho que o coração nos indicou e que é o seguinte:

Como poveiros, resolvemos pagar à «Beneficente» o nosso tributo voluntário, quotas mensais variáveis de 10, 20, 25, 30, 50, 100 e 200 cruzeiros conforme as posses e vontade de cada um.

Esta é a receita chamada permanente!

E ainda como poveiros, partindo do principio de que o óbito da Cidade é sempre flor viciosa seja qual for o jardim da sua procedencia, — estamos apelando para todo o mundo, amigos e inimigos, estranhos

e conhecidos, *existões e maometanos*, na ância sublimada de arrecadar tudo o que seja possível para o «Património dos Pobres».

Esta é a receita chamada extra! Tudo tão simples!...

Façam os meus queridos irmãos das Casas dos Poveiros do Rio, Manaus e da Provincia de Moçambique o mesiao que estamos fazendo em Maceió ou seja: cada sócio, dentro das suas possibilidades, se compromete a pagar mês após mês o Tributo de X à «Beneficente», por intermédio das suas respectivas «Casas».

Esta será a receita chamada permanente!

Por sua vez as Directorias de cada «Casa» promoverão festas em seus parques e salões, abrirão subscrições entre gentes extranhas à Póvoa, portuguezes e brasileiros e de outra qualquer nacionalidade, smilealhando, buscando, catando tudo quanto puderem, visando o mesmo humaníssimo objectivo de todos nós:

QUIM TENREIRO

Continua na página 4

### NOTÍCIAS DA «BENEFICENTE»

Kremlin ou a Casa Branca; outra, a troca de impressões directas nas margens dum lago sereno, banhado de sol. As figuras revestem-se sempre dum pouco mais de humanismo, não desilham como fantasmas irreais escrevendo páginas de História.

E mesmo que não tivesse havido qualquer outro resultado, bastaria a extraordinária proposta por parte dos E. U. A. segerindo a fiscalização aerea; a afirmação de Bulganiçnia feita a Eisenhauer: «creio em vós»; a resposta deste último dizendo estar sinceramente convencido dos desejos de paz por parte da U. R. S. S.

## UMA CONFERENCIA HISTÓRICA

Uma maravilhosa realidade antes

cujo espirito não se coordenava com um possível «new-look»: Molotov e John Foster Dulles. Eram dois duros.

Vejo agora a minha opinião compartilhada por alguns observadores occidentais, que julgam que Outubro e as margens do Lemán não verão já reunidos os dois estadistas.

De facto há ministros cuja habilidade, intelligência e maneira de se prestaram imensos serviços aos seus países em determinado momento, mas que convém substituir quando as circunstâncias o aconselham, e se modificaram por qualquer razão.

Molotov, o homem do «Pacto Berlim-Moscovo», da politica brutal e imperialista do após guerra, não deveria voltar a Genebre se de facto a Rússia deseja sinceramente, já não digo a paz, mas pelo menos a «coexistência».

Dulles e Molotov marcam um momento crucial na história da humanidade. Viveram-no intensamente para deixarem, dum momento para outro, de estarem impregnados dele, poderem-se libertar do espirito em que sempre actuaram...

E' uma pesada herança. Já Vargas Vila afirmava: «el pasado es un cadáver insepulto presente en nuestros brazos; no podemos desprendernos de él...»

CARLOS DE RIOBOM

### Alfredo Pinto

Encontra-se entre nós, infelizmente por pouco tempo, o querido «Poveiro Adventiçoso» sr. Alfredo Pinto, que desde longa data tem dedicado à nossa terra todo o carinho e amizade. Que o digam o nosso Hospital e outras instituições de beneficência que mereceram sempre ao querido amigo a sua valiosa dedicacão na defesa das suas pretensões.

Com as nossas boas-vindas, desejamos a Alfredo Pinto e a sua esposa as maiores felicidades.

### Em visita à Póvoa

Num passeio que lhes proporcionou o sr. Governador Civil do Distrito, dr. Domingos Braga da Cruz, estiveram ontem na Póvoa os comandantes e oficiais das corvetas dinamarguezas «Diana» e «Triton» que se encontram ancoradas no rio Douro.

Depois de ter sido mostrada a nossa Praia às visitantes fcl-lhes servido um almoço no Palácio Hotel, em que tomaram parte além do sr. Governador Civil que presidiu, os srs. Comandante da I Região Militar, Presidente da Câmara, Comandante do 1.º Grupo de Subsistências, Consul e vice-consul da Dinamarca, Consul da Noruega, Chefe do Departamento Marítimo do Norte, capitães dos portos de Leixões e da Póvoa de Varzim, comandante da Voadora «Dourada» e outros elementos oficiais.

## Bom serviço à Póvoa

António Calafate, proprietário da «Gráfica da Póvoa» ofereceu-me os seus dois primeiros cadernos da Coleção Estudos Poveiros, em publicação: Requerimento dos Poveiros, do grande escritor e economista do século passado, Oliveira Martins, publicado no «Jornal do Comércio» em 22 de Agosto de 1882, e Pescarias da Póvoa de Varzim em 1789, do dr. Constantino Botelho de Lacerda Lobo, publicado nas «Memórias da Academia Real de Ciências» (1812).

E' um grande serviço que António Calafate presta à sua terra com estas publicações, desenterrando-as do passado e dando-as a conhecer aos novos. E' fazer história — e da melhor — desta Póvoa a que tanto queremos.

O Requerimento dos Poveiros é um grão d' alma, generoso, de um dos melhores escritores da nossa Pátria, pedida ao Rei protecção para os Poveiros, que dão ao Estado, todos os anos, «um monte de ouro e um monte de cadáveres como imposto». Levem-lhes o dinheiro, Senhor, porém ao menos poupem-lhes as vidas!

E' um livroinho que todos os poveiros devem ler e conservar. Custa a insignificância de cinco escudos.

Oliveira Martins, que aqui viveu, pois foi Director dos Caminhos de Ferro do Porto à Póvoa, assistiu a um naufrágio na nossa barra, que o comoveu. Ele o descreve com o brilhantismo da sua pena ilustre:

«A tragédia de um naufrágio obscuro, em contraste com o estrepido das fúndas do Porto, faz-me hoje deixar ao livro pelo homem, e formular uma súplica, em vez de dezanar uma crítica.

Dirijo-me ao Rei, porque as festas foram para ele: sejam para ele também estas eca de comemorações tardias ebbadas pelo anseio do mar!

SENHOR!

Regresso V. M. à corte. Ainda lhe rumba no ouvido o eco distante dos clamores do povo, do estalar insuperável dos foguetes de diamante, mais bábaros do que o estampido dos bombos das Birmoulas incendo e lino soprado pelos latões aviações de boa marcialia. Ainda lhe arde nos olhos a poeira do salbro que balastava o caminho de ferro, e o fulgor cru das illuminações do Porto. Como aquele que pôs pé em terra de volta da viagem, V. M., desbarbarcações da sua jornada triañal, ouçia ainda, atordado pelo turbilhão que atravessou sob um sol 30.º.

A glória e o calor entontecem!

Não admira pois que, no meio de commoções tão graves e por entre os ruídos de bases mullidas de tantos foguetes, de tantos vivas, de tantos discursos, perseguido pelos silvos da locomotiva e pelos trovões dos canhões, V. M. não tivesse ouvido os eis silenciosos de sete comendados que se sorveu quase à hora em que a cidade da Virgem, berço da liberdade, padecia de glória, terra das iniciativas, invicta, etc., aborvia também — se a expressão é licita — no seu seio a pessoa de V. M. Foi, ao tempo que V. M. caía no Porto, caindo no fundo do mar a tripulação de uma lancha poveira.

Ao tempo em que no Porto corria um delírio de embriaguez entusiastica, ao que os jornais dizem, lá para além de um banco da cidade triañte, havia um grupo de mulheeres solapando, e um bando de crianças capatazadas, com os olhos molhados de lágrimas, em frente das grandes sillas, de braços abertos e orçãos na praia moçambique e agraça.

A história é simples, Senhor. Foi uma lancha que se virou. Era de noite. O mar banhaço impregnações-se em ondas mullas. Uma dessas ondas, tomando de tido a banca lateral, quebra-se, e derrota. Foi o que sucedeu. Uma lancha sobre o mar é como um desfilio a um monstro. O bruto estande a garra, e poi deslindado emmaga e agolge... Era de noite. Soprava apenas um vento mullado e quente. Sob um céu negro, o mar como breu tinha malhas lividas sobre a encosta de uma onda vinha outra desmanchar-se. Diz-se-lhes ainda mortuárias sobrepostas na obliquidade de um castelo espectral — um aquilote mullado, tello, cõnstruere, onde a lancha vazon a gente que a tripulava.»

S. O.

### Festa Artística das Orquestras do Casino

Como nos anos anteriores e por esta mesma altura, realiza-se na próxima quinta-feira, dia 15, a Festa Artística das orquestras Monumental e The Jazz-Boys. Do programa da «Noite Monumental» salientamos a eleição de «Miss Casino 1955», que sempre despertará enorme animação entre a gente moça da nossa terra e da que nos visita.